

DIREITO E PODER NOS DEMÔNIOS DE DOSTOIÉVSKI

Edna Raquel Hogemann

Demetrius dos Santos Ramos

Luiz Otavio Ferreira Barreto Leite

Universidade Estácio de Sá (PPGD/UNESA) - ershogemann@gmail.com

RESUMO

Identifica a presença do Direito no romance *Os demônios de Dostoiévski*. Esclarece como o niilismo defendido, de modo exacerbado, por suas personagens mais relevantes comporta uma crítica às instituições jurídicas como modo de preservação das estruturas de poder prevalentes na Rússia czarista. Demonstra em que medida as narrativas de Dostoiévski, um dos maiores romancistas das letras ocidentais, constituem não apenas matizes fundamentais do romance moderno, mas também a base para a reflexão mais verticalizada sobre o fenômeno político-jurídico, lançando luzes sobre o caldeirão ideológico-político em que se transformou a Rússia na segunda metade do século XIX. A partir da utilização do conceito de dialogismo, apurado por Bakhtin, em sua obra *Estética e a teoria do romance* (1965), os autores do presente ensaio pretendem lançar luzes sobre a complexidade dos romances dostoiévskianos e a sua contribuição, não somente para a gênese da ficção moderna, como também para a identificação do pano de fundo sólido do mundo real, permanentemente afetado pelas tensões, contradições e disputas políticas, de tal maneira que o diálogo exterior permanece, de forma indissolúvel, ligado ao diálogo interior, microdiálogo, e que todos se encontram enredados na multiplicidade de vozes que atravessa o romance. Assim falando, assim falantes, as personagens são marcadas por um inacabamento intrínseco que traduz a tensão entre o eu e o outro e faz da narrativa a única figura da totalização. A leitura jurídico-política da obra *Os demônios* realizada pelos autores do presente ensaio encontrou uma abundância de questões metafísicas que apontam para a precariedade da existência humana. Aí onde os contemporâneos não viram senão um panfleto contra os revolucionários. O autor russo revela, na realidade, as potências obscuras da alma, o poder da subversão, ou de inversão de valores, desses “demônios” que ainda hoje se encontram soltos nas sociedades fragmentárias e complexas.

Palavras-chave: Direito, poder, Dostoiévski, os demônios, niilismo.

ABSTRACT

It identifies the presence of the Right in the novel *The demons of Dostoyevsky*. It clarifies how the nihilism defended, in an exacerbated way, by its most relevant personages entails a critique of legal institutions as a way of preserving the power structures prevalent in tsarist Russia. It demonstrates the extent to which the narratives of Dostoyevsky, one of the greatest novelists of Western literature, are not only fundamental nuances of the modern novel, but also the basis for more vertical reflection on the political-juridical phenomenon, throwing light on the ideological-political cauldron In which Russia became the second half of the nineteenth century. Bakhtin, in his work *Aesthetics and the theory of the novel* (1965), uses the concept of dialogism, which aims to shed light on the complexity of the Dostoyevsian novels and their contribution, not only to the genesis Of modern fiction, but also for the identification of the solid backdrop of the real world, permanently affected by tensions, contradictions and political disputes, in such a way that the external dialogue remains indissolubly linked to the

internal dialog, microdialogue, and that All are entangled in the multiplicity of voices that runs through the novel. Thus speaking, thus speaking, the characters are marked by an intrinsic incompleteness that translates the tension between self and other and makes narrative the only figure of totalization. The juridical-political reading of the work *The demons* performed by the authors of this essay found an abundance of metaphysical questions that point to the precariousness of human existence. Here the contemporaries saw nothing but a pamphlet against the revolutionaries. The Russian author reveals, in fact, the obscure powers of the soul, the power of subversion, or inversion of values, of these "demons" who are still loose today in fragmented and complex societies.

Keywords: Law, power, Dostoiévsky, the demons, nihilism.

INTRODUÇÃO

As narrativas de Dostoiévski, um dos maiores romancistas das letras ocidentais, constituem não apenas uma das matrizes fundamentais do romance moderno, mas também a base para uma reflexão mais verticalizada sobre o fenômeno político e jurídico, lançando luzes sobre o caldeirão ideológico-político em que se transformou a Rússia na segunda metade do século XIX.

Aliás, é relevante demarcar que o regime czarista russo, anterior à revolução bolchevique, se estruturava fundamentalmente de forma especialmente centralizadora. É no centro dessa forma jurídico-política de exercício do poder que o escritor Fiódor Mikhailovich Dostoiévski (1821-1881) produz a sua obra. Bakhtin percebe que ela vem perpassada de uma novidade surpreendente. Partirá dessa novidade para basear e apoiar seus estudos linguísticos e literários.

Por outro lado, em *Os demônios*, tendo como pano de fundo a história do assassinato de um estudante, o autor fará um estudo intenso do pensamento político, social, filosófico e religioso de seu tempo, demonstrando a descrença, em especial da juventude, em relação às instituições estatais, mormente o judiciário.

Os grandes romances do autor – *Crime e castigo* (1866), *O jogador* (1866), *O idiota* (1868-69), *O eterno marido* (1869), *Os demônios* (1871-72), *O adolescente* (1875) e *Os irmãos Karamazóv* (1879-80) – revelam uma estrutura “polifônica”, que, segundo Mikhail Bakhtin (*Problemas da poética de Dostoiévski*), figura como um corpo estranho na técnica do romance realista. As “vozes” das personagens dominam o relato, desvelando sua visão dos

problemas sociais e políticos, com os respectivos desdobramentos no âmbito jurídico na Rússia czarista; trata-se de personagens que vivem as suas ideais como verdadeiras paixões. Dentre essas vale salientar a paixão pela revolução.

Outro conceito chave a ser apresentado em sede introdutória no presente ensaio refere-se ao **dialogismo** apurado pelo já referido Bakhtin em sua obra *Estética e teoria do romance* (1965), que permite lançar luzes sobre a complexidade dos romances dostoiévskianos e a sua contribuição para a gênese da ficção moderna.

O dialogismo não desfaz a identidade da personagem, mas a apresenta contra o pano de fundo sólido do mundo social, permanentemente afetado pelas tensões, contradições e disputas políticas, cuja solução muitas vezes se dará tão somente no campo jurídico, de tal maneira que o diálogo exterior permanece, de forma indissolúvel, ligado ao diálogo interior, microdiálogo, e que todos se encontram enredados na multiplicidade das vozes que atravessam o romance.

1. O EU E O OUTRO NA TOTALIZAÇÃO DIALÓGICA DA NARRATIVA EM DOSTOIÉVSKI

O modo como Dostoiévski apresenta a palavra, em seus romances, novelas e contos, é aberta, sempre pronta a ser dissipada, confrontada e ressignificada entre os personagens. A palavra é curiosamente dialógica e, por esse motivo, carece manter uma possível diferenciação. Na medida em que vai de uma forma e volta de forma diversa, pois se sobe depressa e desce lentamente, enquanto se enreda num contexto determinado e pode se desenredar quem sabe em dois ou mais, a palavra vai compondo um matiz de ideias e (des)ideias de contornos dispares, mas unificado.

Ao mesmo tempo em que esse discurso é dialógico, ele soa polifônico, ou seja, as palavras são próprias de cada personagem, mas só ganham coerência na medida em que entrelaçadas na ambiência enredada pelas demais personagens da trama. “A multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis e a autêntica polifonia de vozes plenivalentes constituem, de fato, a peculiaridade fundamental dos romances de Dostoiévski” (BAKHTIN, 2010, p. 4). Razão pela qual a nota marcante da obra de Dostoiévski materializa-se através do

discurso de suas personagens, na medida em que seja falando, seja como falantes, tais personagens são marcadas por um inacabamento intrínseco que traduz a tensão entre o eu e o outro que torna a narrativa a única figura da totalização. Essa totalização permanece incerta; ela expressa o movimento da sociedade russa (que ainda vive os efeitos da libertação do regime de servidão camponesa, e , já exibindo marcas do desenvolvimento capitalista, experiência o confronto entre forças políticas, entre o apego a uma “identidade” eslava e os apelos da ocidentalização modernizante. Esse movimento se mostra representável – em termos ficcionais – não por alguns tipos humanos ou alguns discursos dotados de cunho ornamental, mas sim pelo jogo manifesto das consciências.

Esse é o processo que se pode salientar em *Os demônios* – conhecido/lido há bom tempo na França sob o título de *Os possessos*. A obra, que toma de empréstimo seu assunto do caso Netchaiev e da ameaça de revolução niilista, não deixa de mergulhar também na experiência do próprio escritor, comprometido que esteve com o círculo Petrachevski¹ (formado por revolucionários liberais).

Ao lado da intriga, que se desdobra em uma duração limitada, Dostoievski com ta a história de uma alma, o romance de uma vida, a de Stavroguin, avatar de um outro romance jamais escrito, *A vida de um grande pecador* (aliás, uma das fontes de *Os irmãos Karamazóv*). Stavroguin se descobre progressivamente através do relato do narrador e das descrições de conspiradores, até o momento em que ele se revela a si próprio em uma terrível confissão (passagem que o editor Katkov se recusa a publicar) na qual este desvela os dois polos de sua natureza, uma vontade de mal e de ódio (que culmina no estupro de uma mocinha seguido da expectativa de suicídio) e o sonho de uma idade de ouro.

Importa frisar que Stavroguin, um aristocrata decadente, exerce um poder de sedução demoníaca sobre os seus cúmplices, e multiplica através deles as suas experiências sem nunca se expor, como uma espécie de Messias invertido; sua participação no complô não passa de um jogo intelectual e de um remédio contra o tédio.

¹ O Círculo Petrashevski foi um grupo de discussão literária, formado por intelectuais progressistas em St. Petersburg, organizado por Mikhail Petrashevski, um seguidor do socialista utópico francês Charles Fourier. A maior parte de seus integrantes se opôs à autocracia do czar e ao sistema de semi-servidão. Entre os componentes do grupo estavam os escritores Dostoiévski e Saltykova, além dos poetas Pie-Shchedrin e Shcheyev, Maikov e Taras Shevchenko. Nicolau I, preocupado com a possibilidade de a Revolução de 1848 propagar-se pela Rússia, confundiu o grupo com uma revolucionária organização subversiva. O círculo foi banido em 1849 a seu mando, seus membros foram detidos e alguns fuzilados. (Nota da IHU On-Line)

2. O REALISMO NILISTA DE OS DEMÔNIOS

A inspiração básica para a construção dessa obra colossal de Dostoiévski inegavelmente foi o momento histórico-social e filosófico experimentado pela juventude russa nas décadas de 60 e 70 do século XIX que, partindo do niilismo chegava ao assassinato político.

As opiniões a respeito do livro *Os demônios* por ocasião de seu lançamento foram as mais diversas possíveis, tanto as exaradas pela intelectualidade soviética quanto pelos políticos do movimento revolucionário. Registre-se que o centenário do nascimento do autor foi comemorado com festejos oficiais em 1920. Sendo certo que em 1918, Lênin e Lunatcharski já haviam inaugurado o busto de Dostoiévski ao lado do de Tolstói, considerados os maiores símbolos da literatura russa.

Enquanto Lênin considerava “Os Demônios” como um romance “repulsivo, porém colossal”, confessando havê-lo lido quatro vezes, a era Stálin iria bani-lo, juntamente com “Irmãos Karamazov” e “O Idiota”. Até a década de sessenta, eles eram considerados leitura “perniciosa” e “não construtiva” para o proletariado russo. “Os Demônios”, visto como o cúmulo da heresia, somente em 1970, voltaria a ser impresso e circularia livremente. (BURIGATO, 2014)

Segundo Burigato (2014) inegavelmente *Os Demônios* traz ao leitor uma obra em que o realismo trágico de Dostoiévski mais se apropria de fatos da história real. O caso concreto que suscitou o elemento principal da trama teria sido o assassinato do estudante Ivanov, a mando do niilista Sergey Nechayev² a quem aquele não reconhecia autoridade revolucionária. Nechayev era discípulo de Mikhail Bakunin – e, dizem as más línguas, amante também - e com ele havia escrito a obra intitulada *Catecismo de um Revolucionário*,

² Netchaiev nasceu em Ivanovo, uma cidade têxtil pequena, de pais pobres – seu pai era um escritor e pintor. Netchaiev já tinha desenvolvido uma consciência crítica sobre a desigualdade social e um ressentimento do local em que morava em sua juventude. Em 1865, com 18 anos de idade, Netchaiev mudou-se para Moscou, onde ele trabalhou para o historiador Mikhael Pogodin. Um ano mais tarde, ele se mudou para São Petersburgo, passou numa prova e começou a lecionar numa paróquia. Netchaiev participou de aulas na Universidade de São Petersburgo (mesmo sem ser oficialmente matriculado) e ficou tentado com a literatura subversiva russa dos Decembrists, o Petrashevsky Circle, e Mikhail Bakunin, entre outros, com toda a agitação estudantil na universidade. Netchaiev participou de um grupo ativista estudantil em 1868-1869, liderando uma minoria radical com Petr Tkachev e outros. Netchaiev participou em conceber o movimento estudantil “Programa de atividades revolucionárias”, no qual começou mais tarde uma revolução social como a última tentativa. O programa também sugeria meios para criar uma organização clandestina revolucionária e conduzir atividades subversivas. Em particular, o programa fez parte da composição do Catecismo Revolucionário, no qual Netchaiev tornaria-se famoso mais tarde. (VÁSSINA, 2016).

considerada obra exemplar em termos de maquiavelismo político, para Friedrich Engels. Após a morte por assassinato de Ivanov, Bakunin rompe com Nechayev, e promove uma autocrítica em relação à afirmação “de que todos os meios são justificáveis para atingir os fins revolucionários”. Curiosamente, na maior parte dos esboços que Dostoiévski realizou, a personagem Piotr Verkhovenski que encarna o “principal demônio” é chamado Nechaiev.

Outros fatos da vida real serviram de cenário para o autor, a saber, os incêndios nos bairros operários que ocorreram no curso da sublevação popular da Comuna de Paris. Será daí que o autor extraíra a inspiração para escrever a destruição pelo fogo do bairro operário que, no final do romance leva à morte da personagem Liza.

Muitos de seus críticos buscam na interpretação da obra um alerta contra o demônio do socialismo. E ele realmente existe, do ponto de vista do ateísmo e do poder pelo poder. Dostoiévski tal qual um profeta visionário prevê muitos desvios que o socialismo real viria a apresentar até a sua crise final nos anos oitenta, já no século XX.

Impende focalizar outros demônios presentes na obra. Em primeiro lugar, Piotr Verkhovenski, o verdadeiro “demônio” de Dostoiévski, o chefe da conspiração, que por duas vezes teria confessado a Stavroguin: “Não sou socialista, sou um assassino”. Este é dotado da lógica mais pura e fria; no entanto, a despeito de sua recusa em ser ingênuo, idolatra Stavroguin; o seu poder é tal que persuade os seus companheiros de que vão ser denunciados por um dos seus, Chatov, e de que deve ser executado. Chatov, em quem o autor colocou muito de si próprio, é um revolucionário arrependido, que renega o niilismo importado do Ocidente contrapondo a esse posicionamento uma mística eslavófila e o advento de um Cristo russo; símbolo da renovação, ele toma ciência, às vésperas de seu assassinato, de que sua mulher está de volta e vai dar à luz a seu filho.

Piotr vai além e descortina que num futuro, “essa canalha democrática (os grupos de ação que ele próprio buscava construir) com seus quintetos, é um mau sustentáculo: aí se precisa de uma vontade magnífica, vontade de ídolo, despótica, apoiada em algo que não seja ocasional”.

Os demônios são niilistas e esse desfazer-se com o mundo, termina com que eles a tudo neguem, até mesmo o amor, a amizade, a honra e a verdade. Negam Deus, falsificam o bem, pois somente o mal poderia conduzi-los ao poder político. Iludem as pessoas fazendo-as crer que falam em nome de uma enorme organização política, quando na verdade, falam exclusivamente por si próprios e daqueles que eles conseguem, por algum tempo, iludir.(BURIGATO, 2014)

A fim de afastar as suspeitas da polícia Piotr convence Kirilov, um dos outros demônios, a endossar o crime; este último decidiu suicidar-se, para provar assim a sua liberdade total, na aceitação de sua finitude e na recusa do socorro ilusório de um Deus, inventado pelos homens para tentarem viver. Essa é uma demonstração do autor de como os demônios são niilistas e esse desfazer-se com o mundo, finda com que eles a tudo recusem, reneguem, não somente as ditas instituições opressoras criadas pela sociedade como a Igreja, o Estado e o Direito, mas também e até mesmo o amor, a amizade, a honra e a verdade. Esse niilismo geral e trágico os leva à falsificação do bem, na medida em que somente o mal teria o condão de conduzi-los ao poder político. Deslumbram as pessoas fazendo-as acreditar que falam em nome de uma enorme organização política, quando em realidade, falam unicamente por si próprios e daqueles que eles conseguem, por algum tempo, iludir.

Verdadeiramente as sessenta horas máximas de *Os demônios* começam na festa de Iulia Lembke, esposa do governador, que é interrompida bruscamente com a notícia de um incêndio de gigantescas proporções no quarteirão que margeia o rio.

Num Apocalipse feroz, o governador Lembke enlouquecido corre para o fogo e grita à sua comitiva: “É tudo niilismo! É tudo incêndio! Se algo está pegando fogo é o niilismo”! Em seu pânico ainda grita: “O fogo não está nos telhados, mas na cabeça das pessoas”. Esta frase poderia ser o prólogo ao romance, pois as ações que Dostoiévski descreve são gestos da alma quando ela se encontra em dissolução. Os demônios entram por essas gretas e por mero contágio as chamas se propagam dos cérebros aos telhados das casas. (BURIGATO, 2014)

CONCLUSÃO

Já se fez referência aos *Demônios* como “liturgia do mal”. Importa tornar mais precisa a leitura jurídico-política deste romance em que avultam as questões metafísicas, a apontarem sempre para a precariedade da existência humana.

Aí onde os contemporâneos não viram senão um panfleto com os revolucionários, o escritor Fiódor Mikhailovich Dostoiévski desvela, na realidade, a descrença nas instituições políticas e judiciais, as potências obscuras da alma, o poder de subversão, ou de inversão de valores, desses ditos “demônios”.

A propósito, nesses tempos de Operação Lava Jato, Carne Fraca e Delações Premiadas da JBS, vale deixar em aberto a indagação de Stavroguin: “É possível acreditarmos no diabo sem acreditarmos em Deus”?

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. M. [V. N. Volochínov]. *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lahud; Yara Frateschi Vieira. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

_____. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Tradução do russo, notas e prefácio Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

BURIGATO, Thiago. *O realismo trágico de “Os Demônios”, de Dostoiévski*. Disponível em: <http://www.jornalopcao.com.br/opcao-cultural/o-realismo-tragico-de-os-demonios-de-dostoiievski-4266/>. Acesso em 12 mai 2017.

DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Os Demônios* - Col. Leste. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 1999.

VÁSSINA, Elena. *A presença de Deus nas obras de Dostoiévski*. Entrevista especial com Elena Vássina ao Instituto Humanitas Unisinos. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/550651-a-presenca-de-deus-nas-obras-de-dostoiievski-entrevista-especial-com-elena-vassina>. Acesso em: 12 abr 2017.